



# A educação museal e os desafios no antropoceno

## *Museum education and challenges in the Anthropocene*

Claudia de Moraes Barros Ramalho <sup>a</sup> 

Thais Felipe Rosa <sup>a, b</sup> 

Luzia Sigoli Fernandes Costa <sup>a</sup> 

**RESUMO:** O presente artigo apresenta uma revisão bibliográfica acerca da temática dos Museus, da educação patrimonial e museal trazendo um apanhado de artigos científicos no intuito de discutir os museus e a ciência dentro da perspectiva do campo e os desafios no antropoceno, período mais recente de grandes transformações globais. Os textos escolhidos que compõem esta revisão de literatura tratam de assuntos como as práticas educativas nos museus, ciência e arte, patrimônio cultural, consciência histórica, tecnologia e inovação aplicadas aos museus. A partir das leituras foi possível observar um crescente interesse nos estudos envolvendo a temática dos museus e temas afins como patrimônio principalmente no que diz respeito à novas propostas ou propostas inovadoras que conferem aos museus com o uso de tecnologias um papel importante no processo de aprendizagem da sociedade como um todo. Com o surgimento da pandemia em 2021 a busca por novas práticas de acesso aos museus e a conscientização a respeito das ações e responsabilidades que os povos possuem sobre o momento presente e futuro em relação às questões ambientais, políticas, sociais, econômicas e culturais se fazem ainda mais necessárias.

**Palavras-chave:** museu; patrimônio cultural; educação patrimonial; antropoceno; didática interdisciplinar; tecnologias da informação e comunicação.

**ABSTRACT:** This article presents a bibliographic review on the theme of Museums, heritage and museum education, bringing a collection of scientific articles in order to discuss museums and science from the perspective of the field and the challenges in the Anthropocene, a more recent period of big global transformations. The chosen texts that make up this literature review deal with subjects such as educational practices in museums, science and art, cultural heritage, historical awareness, technology and innovation applied to museums. From the readings, it was possible to observe a growing interest in studies involving the theme of museums and related themes as heritage, especially with regard to new proposals or innovative proposals that give museums with the use of technologies an important role in the learning process of society as a whole. With the emergence of the pandemic in 2021, the search for new practices of access to museums and awareness of the actions and responsibilities that people have about the present and future in relation to environmental, political, social, economic and cultural issues are made even more necessary.

**Keywords:** museum; cultural heritage; heritage education; anthropocene; interdisciplinary didactics; information and communication technologies.


---

<sup>a</sup> Programa de Pós-Graduação em Ciência, Tecnologia e Sociedade, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP, Brasil.

<sup>b</sup> Instituto Universitario de Investigaciones Turísticas, Universidad de Alicante, España.

\* Correspondência para/Correspondence to: Claudia de Moraes Barros Ramalho. E-mail: claudinhaoliveira1985@gmail.com.

Recebido em/Received: 17/12/2021; Aprovado em/Approved: 14/02/2022.

Artigo publicado em acesso aberto sob licença [CC BY 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/) 

## INTRODUÇÃO

Para Monfort (2007) o patrimônio cultural é construído socialmente e esse grupo passa a valorizar, ter afeto e se reconhecer como identitário. Segundo Ibáñez-Etxeberria, Merillas, Gracia (2018) o patrimônio cultural passa por um processo seletivo, no qual, são escolhidos os “melhores exemplares” de cada grupo social para se tornarem símbolos identitários. Os escolhidos vão representar a identidade de um grupo social, e podem ser um bem material ou imaterial, englobando o patrimônio: natural, cultural, histórico, arqueológico, artístico, musical, entre outros.

Dessa forma, para Cuenca-López et al. (2018) os grupos sociais escolhem o patrimônio cultural que irá representar a identidade de um grupo e nesse sentido trabalham para que esse patrimônio e essa memória se mantenham vivos. Desse modo, surge um senso de coletivo e de grupo com a mesma identidade. Ao recordar o que ocorreu no passado, e ao notarem que determinado bem cultural segue funcionando, o senso coletivo aumenta e há uma alegria em saber que a história desse grupo pode ser reconstruída por eles mesmos (Pollak, 1992).

Segundo Cuenca-López et al. (2018) se faz necessário ter a ideia que o patrimônio que persiste vivo ainda nos tempos atuais, conseguiu preservar e proteger a identidade e cultura de determinados povos, por meio dos princípios da democracia, justiça social e respeito aos direitos humanos. Indo nesse caminho, o patrimônio cultural quando preservado é um meio de mostrar que houve respeito, justiça, e é um direito humano, no qual, as culturas ali são representadas.

O patrimônio cultural após ser conhecido pode despertar uma emoção e um sentimento identitário nas pessoas. Então, o aprendizado e a valorização do patrimônio podem ocorrer de modo mais eficaz a partir da geração de emoções, e o ensino sobre o patrimônio cultural pode promover emoção, motivação, satisfação e felicidade. Para Mestre e Gil (2018), o patrimônio é um instrumento educativo que possui um grande potencial para despertar a emoção.

A educação museal é um campo da ciência e da história, que está em processo de construção de modo coletivo, a partir das relações entre museus, escolas, universidades, centros de memória, centros de ciência, centros culturais, empresas de turismo e outros ramos. Assim, a educação museal pretende incluir e pensar na diversidade de pessoas, religiões, conhecimentos, e realizar práticas para enriquecer e construir uma educação democrática, crítica e transformadora, voltada ao momento que a sociedade está vivendo. Além disso, a educação museal em alguns museus está sendo praticada com base nos princípios coloniais, respeitando a história e as manifestações culturais que ocorrem na América Latina e na África em detrimento de somente utilizar conhecimentos europeus. Nesse sentido, a educação museal busca contemplar múltiplas visões e conceitos de mundo (Castro, Soares, Costa, 2020).

Nessa perspectiva a educação museal, possui o desafio de seguir os conceitos de museus sociais, populares e da Museologia Insurgente, onde Boaventura, defende a eliminação das ideologias de domesticação e colonização que são usadas comumente na museologia

colonialista, e se baseiam no racismo, patriarcado, autoritarismo, no qual, muitos monumentos e acervos enaltecem a barbárie (Chagas, 2020).

Para Chagas (2020), a educação museal possui a responsabilidade e o compromisso social de libertar as pessoas de sistemas opressores, por meio de uma memória coletiva. A educação museal possui o objetivo de gerar uma resistência dos povos para seguirem existindo, a favor da decolonização no conhecimento, na política, na economia, na sociedade, no meio ambiente e na cultura. No Brasil, na década de 1950, já existiam ações museais nessa perspectiva, valorizando a cultura local, por exemplo, no Museu de Imagens do Inconsciente organizado por Nise da Silveira, no Museu de Arte Negra, organizado por Abdias do Nascimento e no Museu do Índio, realizado por Darcy Ribeiro (Chagas, 2020).

Nota-se que o tipo de tratamento dado ao patrimônio é fundamental, para que, a partir dos museus e centros patrimoniais, se possa abordar questões sociais relevantes, como conflitos de identidade, problemas ligados ao multiculturalismo e a formação para a cidadania (Cuenca-López et al., 2018).

Todavia, os processos educativos, dentro da maioria das instituições responsáveis pelo patrimônio cultural ainda estão longe do público, no sentido que as propostas didáticas são voltadas a uma linguagem acadêmica e com muita informação. Nota-se uma diferença de abordagem educativa, quando se trata de museus de ciência, tecnologia, e em parques naturais, o público é considerado um objeto importante, não somente, o patrimônio. Assim, o discurso e os conteúdos são voltados a atender esse público, de modo que eles recebem uma atenção diferenciada, adaptada ao interesse desse grupo. Inclusive esses espaços investem em diversos recursos com uma tecnologia moderna, em todo o espaço, para que as propostas educativas sejam atingidas, e que o visitante compreenda a importância daquele patrimônio (Ibáñez-Etxeberria, Merillas, Gracia, 2018).

O presente artigo apresenta uma revisão bibliográfica acerca da temática dos Museus e a educação patrimonial trazendo um apanhado de artigos científicos que discutem os desafios no antropoceno no intuito de discutir os museus e a ciência dentro da perspectiva do campo. Os textos escolhidos que compõem esta revisão de literatura tratam de assuntos como as práticas educativas nos museus, ciência e arte, patrimônio cultural, consciência histórica e tecnologia e inovação aplicadas aos museus.

## **MÉTODO**

Neste estudo, foi utilizado a pesquisa qualitativa, pois, é um importante instrumento utilizado nas pesquisas sociais, para compreender determinados problemas da sociedade. Assim, o presente artigo apresenta uma revisão bibliográfica acerca da temática dos museus e da educação patrimonial trazendo um apanhado de artigos científicos que discutem o campo dos museus e a ciência dentro da perspectiva dos desafios do antropoceno. Os textos escolhidos que compõem esta revisão de literatura tratam de assuntos como as práticas educativas nos museus, ciência e arte, patrimônio cultural, consciência histórica e tecnologia e inovação aplicadas aos museus.

De acordo com Demo (2008) o fato de serem usadas teorias passadas normalmente indica que seus autores foram originais ao conseguirem aprofundamentos estruturais da realidade e não somente facetas circunstanciais. Contudo, não se escapa da validade histórica, contextualizada no tempo e no espaço. Portanto, o trabalho teórico é fundamental ao processo científico desde que direcionado ao tratamento da realidade. Assim, o método qualitativo visa uma construção criativa e crítica de modos diferentes de dialogar com a realidade social. A qualidade da pesquisa depende muito da qualidade epistemológica da discussão. Quem não questiona o conhecimento faz qualquer conhecimento (Demo, 2008).

Os métodos qualitativos foram escolhidos para este estudo porque contribuem para a investigação sobre o tema permitindo o uso racional e intuitivo que ajudam a uma melhor compreensão sobre o que está sendo investigado. Assim, ao usar o método qualitativo de revisão bibliográfica, as investigadoras estão buscando analisar o processo e o contexto social, em que se permite ter uma maior empatia com o objeto de estudo levando a uma melhor compreensão do fenômeno. Quando são empregados métodos qualitativos em uma investigação a compreensão do contexto pela investigadora se torna mais enriquecida. Além disso, pode-se planejar previamente e integralmente os passos de sua pesquisa. Também pode-se compreender quem são os atores envolvidos no contexto, tendo uma visão global do fenômeno (Neves, 1996).

Assim, o presente estudo constitui-se como uma pesquisa teórica de revisão bibliográfica no campo da educação patrimonial e museal e os desafios no antropoceno. A revisão bibliográfica é importante porque permite contextualizar a área da pesquisa, e compilar trabalhos anteriores que abordam o mesmo tema, permitindo iniciar e aprofundar a reflexão sobre o assunto que está sendo discutido (Santos, 2006).

Nessa perspectiva, com a revisão bibliográfica como método de investigação coletiva, pretende-se analisar no contexto histórico a realidade, a dinâmica e a complexidade do objeto de estudo (Lüdke, André, 1986).

## **DESENVOLVIMENTO**

### **Educação patrimonial e pedagogia museal no antropoceno**

Segundo Ibáñez-Etxeberria, Merillas, Gracia (2018) a educação patrimonial é importante porque por meio dela se pode conhecer, preservar e respeitar o patrimônio cultural e natural. Por meio dela, se pode refletir como o homem pode intervir no meio, recuperando o equilíbrio ecológico e de conservação do patrimônio cultural. Além disso, aprende a valorizar, conhecer e respeitar as crenças, as artes, as manifestações culturais, a língua e a diversidade de outros povos e culturas.

Para Fontal (2003), a educação patrimonial estimula o afeto, sensibiliza tanto uma pessoa, como um grupo, motivando o conhecimento, o respeito, a valorização, o cuidado, o sentimento de orgulho e pertencimento, e a difusão de determinado patrimônio. E por isso

é importante que exista uma educação interdisciplinar, que aborda os problemas sociais da atualidade, questões de cidadania, identidade, e diversidade devem ser contempladas (Ibáñez-Etxeberria, Merillas, Gracia, 2018).

Esta didática interdisciplinar que a educação patrimonial faz uso está atrelada ao desafio do Antropoceno, pois gera no indivíduo à reflexão nas mais diversas questões sociais, ambientais, políticas, econômicas, culturais, voltadas ao coletivo e que podem ser transformadas pela ação humana.

Para que esse diálogo aconteça, Casanova (2006, p. 13) define uma ação interdisciplinar como sendo a pesquisa e o ensino dos conhecimentos inseridos em distintas disciplinas e especialidades, voltados a “unidade do ser e do saber, ou a unidade das ciências, das técnicas, das artes e das humanidades com o conjunto cognoscível e construível da vida e do universo”. Na busca de uma relação da parte com o todo, “do particular com o universal”, gerando assim, uma perspectiva de integração que pretende evoluir e encontrar novos sentidos de organização e ações com o intuito de resolver os fenômenos caóticos que ocorrem na sociedade contemporânea. Nesse contexto, a saída para os problemas complexos está na possibilidade de se estabelecer “o diálogo interdisciplinar é a articulação de disciplinas, de culturas, de conhecimentos e de seres humanos” (Casanova, 2006).

Além disso, desde 2020 até o momento atual, existem desafios para serem superados, de um modo geral, na Ciência, na Pesquisa, na Cultura, nos Museus, na Educação Museal e Patrimonial, pois, foram bastante afetados pela pandemia e pelos cortes orçamentários no âmbito nacional.

### **A consciência do Antropoceno**

Segundo Haraway (2016) o Antropoceno representa o momento em que as ações humanas são responsáveis pelas mudanças climáticas.

Trata-se também da enorme carga de produtos químicos tóxicos, de mineração, de esgotamento de lagos e rios, sob e acima do solo, de simplificação de ecossistemas, de grandes genocídios de pessoas e outros seres etc., em padrões sistemicamente ligados que podem gerar repetidos e devastadores colapsos do sistema. A recursividade pode ser terrível (HARAWAY, 2016, p.1).

Para Tsing (2015) na época do Holoceno, termo geológico pós era glacial e que se estende até hoje, havia uma rica diversidade cultural e biológica. E quando surgiu o Antropoceno houve o extermínio de grande parte dos espaços naturais para as pessoas e também outros seres se refugiarem. Segundo Haraway (2016), o Antropoceno deve ser considerado como um “evento-limite” e não uma época, porque nesse período ocorreram graves rupturas com o que existia antes. Para ela, o Antropoceno deve ser curto e fugaz, e devem ser pensadas em novas eras em que possam ser reconstituídos os refúgios que existiam nas épocas anteriores. Isso seria possível com um trabalho e compromisso coletivo, para serem criados arranjos com diversas espécies humanas e não humanas.

Assim, o ideal nessa nova era seria por meio da organização coletiva, diversa e inclusiva tentar reconstituir os refúgios e espaços que existiam em outras eras, “para tornar possível

uma parcial e robusta recuperação e recomposição biológica-cultural-política-tecnológica” (Haraway, 2016, p. 3).

Palacios (2019) questiona em seu artigo “Cultura e Memória: fases e escalas dos estudos de memória e o desafio do Antropoceno” o que há de novo nos estudos da memória nesse sentido.

O conceito de Antropoceno seria uma oitava divisão dentro da Era Cenozóica e pode ser entendido como “possibilidade de identificar nas ações humanas uma capacidade de transformação importante que afeta processos de origem natural no planeta [...]” (Rodrigues, 2017, p. 20).

Introduzir o Antropoceno como uma nova Época Geológica significa ressaltar o papel central do homem na transformação e (des)equilíbrio da Terra e trazer para o debate e a análise uma extensão a mais nos horizontes da Memória de nosso modo de existir e, assim, de nossa cultura. “O fato é que o conceito de Antropoceno mais uma vez tensiona a maneira como consideramos a escala dos estudos da memória em relação à cultura”. (Palacios, 2019, p. 15). “As dimensões geológicas, sociais e ecológicas se fundem e se confundem”

Sem querer sugerir que a última palavra sobre memória transnacional, transcultural ou memória global já tenha sido dita, penso que pode ser argumentado, com alguma justificativa, que estamos testemunhando agora o advento de uma nova quarta fase nos estudos da memória: uma fase reclamada pela nossa crescente consciência do Antropoceno, que leva a expansão escalar gradual que caracterizou as [três] fases anteriores para um nível totalmente novo [...] (Craps, 2017, p. 500).

Para Palacios (2019) os estudos de memória devem estar relacionados às questões que preocupam a sociedade como a sua própria sobrevivência em função do uso que é feito dos recursos do planeta. É quase impossível pensar o fazer científico, a memória e a cultura sem considerar esse período do Antropoceno onde todas as áreas de um modo geral, mas principalmente as Ciências Sociais sofreram mudanças bruscas onde todos procuram se adaptar ao chamado “novo normal”.

A incorporação dessa Memória Planetária aos Estudos que se debruçam sobre as memórias nacionais e globais não se limita a distinguir a existência de mais uma fase e de mais uma escala de abrangência na história dessas pesquisas. “O Antropoceno é um grande golpe à negligência, é o retorno da memória das coisas, a presença e atualidade do esquecido” (Carvajal, 2016, p. 28), fazendo uma crítica à necessidade de uma abordagem interdisciplinar dos estudos de memória e a busca de uma nova compreensão das consequências de nosso modo de produzir e distribuir riquezas sobre a face da Terra (Palacios, 2019).

### **Uma Nova Museologia: Os museus comunitários e museus da sociedade**

Segundo Soares e Scheiner (2009, p.1), foi no século XX, que surgiu uma Nova Museologia e por meio dela, também os museus comunitários. Assim várias tipologias de museus foram sendo reconhecidos como tal, por exemplo, os museus locais e museus dos bairros, os ecomuseus, os parques naturais, os museus vivos, museus a céu aberto, as casas-museu,

entre outras tipologias foram surgindo. O museu passa a usar o território como cenário para se relacionar e se aproximar das pessoas. “A experiência do intangível também marca este Museu renovado. O Museu que abre portas e janelas se vê cada vez mais permeado pelo humano, admitindo que o seu maior objeto são as múltiplas formas de experiências sociais” (Soares, Scheiner, 2009).

Ainda sob essa ótica, tem crescido nos últimos anos a dimensão educativa da museologia. Todos os museus têm incorporado ou ampliado seu departamento de didática e as atividades educativas, dirigidas e planejadas tendo em conta as características diferenciadas dos visitantes e usuários, são agora parte fundamental das ações desenvolvidas pelas instituições museológicas para cercar o público e inserir-se no meio social e no entorno em que o museu está presente (Rodríguez, 2011).

Com a chegada do século XXI, os museus de sociedade começam a renascer, com projetos que estão gerando um novo panorama museológico. Os museus inovadores se caracterizam pelo caráter interdisciplinar, possuem muitas exposições temporárias, e abordam questões sociais, históricas, científicas e tecnológicas, deixando de só refletir sobre o passado, como também abordam questões do presente e seus problemas. A nova visão consiste em uma concepção interdisciplinar sobre as sociedades, que faz com que os museus reflitam mais sobre as sociedades atuais do que sobre as tradições (Alcalde, Boya, Roigé, 2010).

É fundamental discutir o campo das Ciências Sociais numa perspectiva interdisciplinar e abrangente a partir da memória. Somado aos já existentes e utilizados, esse novo conjunto de informações deve ajudar-nos a compreender a memória total de nossa espécie e os rastros que vamos deixando na superfície e nas profundidades do Planeta (Palacios, 2019).

Hoje em dia são observadas diversas iniciativas de museus de ciências que corroboram com a ideia de inovação e interdisciplinaridade nos museus. Um exemplo interessante nesta perspectiva é o Museu do Amanhã, no Rio de Janeiro, que possui uma educação museal com características futuristas, usando das tecnologias e interagindo com os usuários levando-os à reflexão e ao mesmo tempo trazendo conhecimento, suas exposições exploram questões socioambientais atuais, aproximando o público e gerando no mesmo uma consciência a respeito da sociedade atual que vive e para onde pretende ir (Museu do Amanhã, 2018).

No Rio de Janeiro, também há o Museu de favela (MUF) que foi o primeiro ponto de memória registrado pelo Instituto Brasileiro de Museus-IBRAM, e atualmente, é considerado como um museu territorial, a céu aberto e vivo, organizado pelas comunidades locais, que oferecem uma visita à favela e possui o objetivo de preservar a memória da comunidade e mostrar que a cultura da favela também faz parte da cidade (Museu de Favela, 2021).

Outra iniciativa interessante é o Museu Memorial Pretos Novos, localizado na região portuária do Rio de Janeiro que é um sítio arqueológico que comprova a barbárie e o tráfico de escravos africanos para o Brasil. É considerado o maior cemitério de escravos na América, e é um tipo de museu que gera diversas reflexões e debates sobre o passado, o presente e o futuro que a sociedade pretende ser (Museu Memorial Pretos Novos, 2021).

Segundo Schiele (2010), a modernidade aparenta ser fragmentada, efêmera e caótica e o mundo dos museus não está isolado disso tudo, ele pertence a esse movimento, e entra nesse sistema globalizado, com o número crescente de museus, aumento de exposições temporárias sobre uma diversidade de temas, com diversas atividades e programações voltadas a entreter e satisfazer as necessidades de diferentes categorias de visitantes.

Esta nova proposta de museus vem ganhando mais força à medida que a própria sociedade demanda por ambientes em que se possa discutir e refletir sobre as questões que a preocupam. Nesta perspectiva há as iniciativas dos ecomuseus, conceito surgido na França em 1970, uma proposta em que a comunidade não é retirada da área de preservação, ela é mantida no local, e a mesma ajuda na formulação de diretrizes e planos de preservação, execução e manutenção de um determinado lugar (Brulon, 2015).

Nos ecomuseus, a sociedade está incluída em uma proposta que visa a sustentabilidade e a preservação da cultura da mesma. Ressaltando assim, a importância de que o patrimônio natural e cultural seja mais forte que a coleção que está no museu. O primeiro ecomuseu no Brasil foi o de Itaipu em 1987, segundo Sterling (2011), atualmente há ecomuseus em todo o país, estão localizados em: Nega Vilma(RJ comunidade de Santa Marta); Amigos do Rio Joana (RJ Andaraí); Manguinhos (RJ); Ilha da Pólvora (RS); Picada Café (RS); Lagoa dos Patos, em Porto Alegre (RS); Picada (RS);Dr. Agobar Fagundes, em Blumenau (SC); Itaipu, em Foz do Iguaçu (PR); Ilha Grande, em Angra dos Reis (RJ); Santa Cruz (RJ); Quarteirão Cultural do Matadouro (RJ); Serra de Ouro Preto (MG); Caminhamentos do Sertão, em Brasília (DF);Maranguape (CE);Sítio do Físico, em São Luís (MA); Amazônia, em Belém (PA); do Mangue, em Belém (PA).

O patrimônio natural também é um importante recurso de aprendizagem, pois está inserido no cotidiano daqueles que possuem essa possibilidade de conviver com os elementos naturais do seu dia a dia, sendo mais fácil serem reconhecidos como pertencentes a vida de cada indivíduo (Mata, 2008). Tanto os centros históricos como os espaços naturais também são reconhecidos como identitários para aqueles que vivem na cidade e são valorizados de um modo individual, gerando uma emoção e um afeto em cada um (Cuenca-López et al., 2018).

### **Os recursos educativos para melhorar o aprendizado nos museus**

Para Cuenca-López et al. (2018), os museus e parques naturais carecem de projetos educativos que mostrem a importância de compreender, valorizar e preservar o patrimônio que estão conservando. E o uso do patrimônio por meio da educação museal é um dos recursos didáticos para que a sociedade possa compreender e se aproximar do patrimônio. Para isso, os autores defendem a necessidade de uso de recursos educativos mais interativos para dinamizar e socializar o patrimônio, gerando reflexões sobre a importância de se preservar o patrimônio e das ações de cada indivíduo sobre o passado, presente e futuro.

O projeto de educação patrimonial, necessita promover uma educação voltada ao respeito, tolerância, e valorização das diversas culturas, a partir do conhecimento da sua própria cultura, e depois da valorização da cultura dos outros povos. Assim, é gerado um cidadão



crítico que reflete sobre quem somos nós e quem são os outros. Esse seria o modelo de educação patrimonial intercultural que integra o todo, valorizando as singularidades de cada grupo cultural (Ortega, Mínguez, 1997).

Aparentemente, quanto mais interativos se apresentam os museus, maior é o interesse pelas pessoas em fazer uso destes espaços como ambiente de aprendizagem e conhecimento e ao mesmo tempo entretenimento e cultura.

O patrimônio torna-se um espaço de educação museal multidisciplinar onde se aplicam disciplinas como a história da arte, geografia, biologia, geologia, história, física e química, antropologia, etc. Nesta abordagem a proposta é passar do multi para o interdisciplinar, relacionando os vários conceitos envolvidos ao patrimônio para elevar a singularidade da realidade e a importância do conhecimento integrado para entendê-lo (Cuenca-López et al., 2018).

No Canadá, também têm ocorrido uma série de iniciativas interessantes de educação museal relacionadas à educação histórica nas últimas duas décadas. Lá uma próspera comunidade de pesquisa em história da educação conseguiu conectar os canadenses com historiadores internacionais, professores, historiadores, profissionais de museus para conduzir pesquisas conjuntas, projetos, simpósios e conferir contribuições para publicações conjuntas, desenvolvendo materiais de recurso de sala de aula.

A pesquisa em educação de história está aflorando com pesquisadores que investigam áreas como o uso de tecnologias para ensinar história, como construir o pensamento histórico em museus, exposições, como ensinar com fontes primárias e como avaliar a progressão do aluno em termos de compreensão dos conceitos do pensamento histórico (Clark, 2018). O exemplo acima demonstra um aumento na preocupação com a educação patrimonial e histórica nas práticas educativas de forma interdisciplinar envolvendo a sociedade como um todo.

### **Processos educativos democráticos, inclusivos e acessíveis a todo tipo de público**

Assim, os museus atuais passam a utilizar o que pode ser chamado de uma “democratização da expertise”, tanto do pesquisador, como membros da sociedade civil, envolvidos nos estudos e nas tomadas de decisões “que envolvem temas tecnicamente complexos, mas moralmente sensíveis e de grande interesse social” e, assim, indo ao encontro dos interesses do todo e na qualidade do processo democrático (Mitre, 2016).

Além de se pensar em uma educação patrimonial mais interdisciplinar e democrática, os profissionais da área dos museus também possuem a necessidade de pensar na questão da acessibilidade e inclusão de todos os públicos. Assim, são responsáveis por identificar os efeitos positivos e negativos a longo prazo da pandemia na experiência física e digital dos visitantes com deficiência nos museus. Os profissionais dos museus precisam trabalhar o tempo todo para garantir que as novas práticas corporais e digitais se tornem oportunidades de longo prazo para melhorar a acessibilidade e a inclusão (Cecilia, 2021).

Nessa abordagem teórica, o ideal seria ter a conciliação entre o conhecimento dos pesquisadores em conjunto com o conhecimento da sociedade civil, para que haja uma

ampla difusão do saber, gerando uma sociedade do conhecimento, tornando e colaborando para a existência de regimes democráticos, para que o conhecimento científico chegue ao conhecimento do público e diminua essa distância existente entre ambos, gerando uma sociedade mais participativa, liberando o acesso geral ao conhecimento (Stehr, Canedo, 2008).

Assim, nota-se que nos museus também é possível transformar o conhecimento, a ciência e a tecnologia, em recursos acessíveis a todos que visitam o local, por isso, se faz necessária uma ampla participação e envolvimento da sociedade civil, aproximando o patrimônio e o conhecimento das pessoas.

A acessibilidade e a inclusão não devem ser pensadas apenas do ponto de vista das pessoas com deficiência, mas também do ponto de vista da própria formação do conteúdo a ser apresentado no museu. A formação das coleções também é uma forma de trazer à tona as questões sociais para o debate. Um exemplo disso é o levantamento das questões indígenas nesses e em outros espaços que atualmente muito se discute, mas que há alguns anos não se ouvia quase nada a respeito.

Um exemplo interessante é o “*Heard Museum*” em Phoenix Arizona que faz uma abordagem diferente, onde a organização do conteúdo é estabelecida com base em critérios interdisciplinares, com base nos problemas sociais atuais das comunidades indígenas, no que se relaciona a história, a arte, a etnologia e a tecnologia. Podem citar-se casos de diversas exposições que contam com uma perspectiva multidisciplinar, ou seja, o museu como um todo apresenta várias tipologias de patrimônio, mas não estabelece conexões entre elas (Janes, 2007).

O museu é entendido, a partir da corrente da museologia crítica, como um lugar de dúvida, de reflexão, de questionamento, de controvérsia cultural, cujos objetivos são gerar leituras que dão conta, a partir da perspectiva de questionar representações sociais, das interpretações divergentes que podem ter diferentes sujeitos ou agentes sociais sobre os objetos ou processos culturais. O objetivo é que as pessoas façam uma reflexão sobre como os contextos operam na construção do conhecimento e como o conhecimento gerado é mais um processo de fluxo do que um resultado (Rodríguez, 2011).

No final do século XX começou um movimento de mudança de algumas características importantes. Algumas das características desta renovação foi um novo paradigma de museu que poderia ser enunciado a partir da monodisciplinaridade do museu tradicional à multidisciplinaridade; do público para a comunidade e do edifício para o território, a conscientização, reflexão e atitude crítica da comunidade com relação a sua própria existência e valor de sua cultura, um sistema aberto e interativo em que as ações lineares de colecionar, preservar e exibir se transformam em uma oferta de atividades que desenvolvem elementos e descobrem e estabelecem relações entre patrimônio, contexto, ambiente e pessoas (Fernandez, 2003).

É crucial que haja conexão entre as diferentes coleções exibidas nos museus. A interdisciplinaridade não pode significar miscigenação de coleções, porém com conteúdos isolados, mas sim assuntos que dialoguem entre si.

Os objetos necessitam ser submetidos aos mesmos procedimentos heurísticos e hermenêuticos que são submetidos a qualquer documento escrito nas práticas historiográficas. O principal objetivo de uma exposição ou exposição museográfica não deveria ser "mostrar objetos", mas explicar processos e relacionamentos, para os quais "objetos são mostrados", entendidos como condensação desses processos e relacionamentos (Rodríguez, 2011).

Todos os esforços que os centros patrimoniais tem dedicado cada vez mais ao campo educativo poderiam ser direcionados de forma a permitir um tratamento mais interativo e multicultural similar à linha desenvolvida pela maior parte dos museus comunitários norte-americanos onde o centro se preocupa com o público que pretende atender, com propostas didáticas voltadas aos interesses, expectativas e demandas sociais, individuais e coletivas para a formação da cidadania e a configuração de identidades que respeitem outras culturas (Cuenca-López et al., 2018).

Os museus de ciência e tecnologia contam com um grande emprego de recursos que combinam os mais tradicionais com os mais modernos em termos de tecnologia que permitem desenvolver propostas de contextualização funcional, espacial e temporal muito mais influentes e compreensíveis aos visitantes (Cuenca-López, et al., 2018).

Por outro lado, a inovação tecnológica pode se dissipar se não há entrada na sociedade. A tecnologia e o mercado têm estabelecido uma forte aliança. Como por exemplo, a Coordenação de Documentação de Música Contemporânea (CDMC) teve com seu primeiro diretor a implantação da vanguarda musical da segunda metade do século XX, com o intuito de se habituar a uma forma de entender a criação musical na sociedade (Guerra, 2006).

De acordo com Cifuentes e Sedano (2006, p.96) novas tecnologias e novos conhecimentos especializados necessitam ser aplicados nos museus, como se pode ler abaixo:

Devido a grandes possibilidades que oferecem a ciência e a técnica para a adequada conservação do patrimônio, se faz imprescindível investigar e aplicar as novas tecnologias a restauração dos bens culturais que se conservam em nossos museus. No futuro, será fundamental ampliar e dotar os laboratórios dos Museus Históricos de novas instalações, melhorar seu equipamento e contar no template com pessoal especializado em biologia, química e física, assim como estabelecer vias de colaboração com outras instituições que também se dedicam a investigação sobre o conhecimento dos materiais compositivos, as causas de sua alteração e sua adequada conservação (tradução nossa).

Com relação a estas mudanças que conferem aos museus um ambiente de aprendizagem, o fato de se pensar no público é imprescindível, como pode-se ler a seguir:

Na última década, ocorreram [mudanças substanciais] em museus e galerias de arte em todo o mundo: de meros depósitos de objetos, eles se tornaram locais de aprendizagem ativa. Esta mudança de função implica uma reestruturação radical da cultura do museu e um repensar das formas de trabalhar [...]. Além de cuidar de suas próprias coleções, os museus precisam ser orientados para o público. Agora há um equilíbrio maior entre o interesse pelos objetos e o interesse pelas pessoas: os antigos princípios de conservação devem agora compartilhar seu papel predominante com o novo conceito de colaboração (Apud HOOPER-

A concepção moderna de museu começou com a união entre elementos e práticas até o momento separadas: propriedade pública de coleções de objetos valiosos até então privados e elaboração dos discursos historiográficos vinculados à criação de identidades nacionais. Inicialmente com o neoclassicismo e posteriormente com o positivismo, consolidou-se a ideia de um museu como templo do saber, da arte, do conhecimento, mas imerso em concepções elitistas da cultura e em práticas sociopolíticas de distinção e diferenciação social de classes e grupos (Rodríguez, 2011).

Com a pandemia causada pelo Covid 19 esse pensar no público precisou e precisa constantemente ser repensado de forma a usar as novas tecnologias a favor da divulgação e promoção dos acervos de forma virtual sem perder a interatividade. O retorno de forma presencial a esses espaços também foi modificado.

A pandemia do Coronavírus (COVID-19) causou um forte impacto nos museus e no setor cultural. Novas regras de distanciamento social, sistemas de navegação unilateral e regulamentos de higienização das mãos afetaram as visitas presenciais aos museus. Por outro lado, o desenvolvimento de conteúdos digitais acessíveis e o acesso a acervos online proporcionaram uma experiência positiva durante os períodos de fechamento, principalmente para as pessoas com deficiência que podem socializar e participar de atividades culturais de casa (Cecilia, 2021).

Atualmente, após a pandemia, vários museus adotaram a visitas virtuais para que o público pudesse se aproximar do conteúdo e ter acesso ao espaço, mesmo que de modo virtual. Alguns deles são: 1) Museu do Louvre, em Paris; 2) Museu d'Orsay, Paris – França; 3) Metropolitan Museum of Art, Nova York, Estados Unidos; 4) Newseum, Washington DC – Estados Unidos; 5) Art Institute of Chicago, Chicago – Estados Unidos; 6) Museu da Acrópole, Atenas – Grécia; 7) Museu do Vaticano, Roma – Itália; 8) Museu de Van Gogh em Amsterdam-Holanda; 9) Museu Casa de Anne Frank, em Amsterdam-Holanda; 10) Museu Nacional de Antropologia, Cidade do México – México; 10) La Casa Azul – Museu Frida Kahlo, Cidade do México, México; 11) Museu de Arte de São Paulo – MASP, São Paulo – Brasil; 11) Museu do Amanhã, Rio de Janeiro – Brasil; 12) Instituto Inhotim, Brumadinho, Minas Gerais- Brasil; 13) Pinacoteca, São Paulo – Brasil; 14) Museu da Casa de Portinari-São Paulo-Brasil; 15) Museu Oscar Niemeyer-Curitiba-Brasil; 16) Museu Virtual de Brasília – Brasília, Brasil; 17) Museu Britânico-Londres-Inglaterra; 18) Museu Reina Sofia, Madri – Espanha; 19) Museu Pablo Picasso, Barcelona- Espanha; 20) National Museum of Modern and Contemporary Art, Gwacheon – Coreia do Sul; 21) Yad Vashem Museu do Holocausto, Jerusalém – Israel; 22) Hermitage Museum, St Petersburg – Rússia; 23) Ohara Museum of Art, Kurashiki – Japão; 24) Museu de Arte Precolombino e Indígena em Montevideu-Uruguai; 25) Museo Interactivo de Ciencia, em Quito-Ecuador; 26) Museos Numismáticos de Quito e Cuenca- Equador; 27) Museo de Oro de Bogotá-Colômbia; 28) Museo Nacional de Arqueología, Antropología e História em Lima- Perú; 29) Museo a Cielo Abierto en La Pincoya, em Santiago-Chile; 30) Museo Evita, Buenos Aires-Argentina; entre outros.

## O museu como espaço educativo

Recentemente, algumas instituições escolares começaram a usar as práticas museológicas como recurso didático e educativo, indo além das visitas tradicionais aos museus. A medida em que a museologia tem ganhado força e a conservação do patrimônio cultural, tanto material quanto imaterial, tem adquirido uma crescente importância nas políticas públicas e no discurso cívico, as instituições escolares começaram a considerar as práticas museológicas e museográficas como um recurso didático valioso (Rodríguez, 2011).

Nota-se assim a importância de cooperação entre instituições de pesquisa, centros de ciência, e museus no desenvolvimento de pesquisas e até mesmo de compartilhamento de recursos e mão de obra. Além disso, estas cooperações são bem-vindas pela troca de conhecimento e expertise que ocorrem.

No caso do Museu Memorial dos Pretos Novos, no Rio de Janeiro, por exemplo, para que as escavações arqueológicas ocorressem e demais estudos sobre a história do sítio arqueológico fossem realizados foi necessário o apoio de pesquisadores e analistas do Instituto de Arqueologia Brasileira (IAB), bem como de trabalho voluntário, de artistas e historiadores para realização de oficinas no espaço, bem como o apoio de editais públicos para conseguir que o espaço permaneça aberto à visitação e contribua para a ciência e história nacional (Museu Memorial dos Pretos Novos, 2021).

Muitas vezes os recursos destinados aos museus e centros de memória é escasso o que torna essas parcerias fundamentais para que as ações possam se concretizar. As iniciativas de trabalho voluntário nesses espaços também têm sido uma saída para contornar essas questões.

Em muitos casos as pessoas se sentem excluídas dessa realidade em que suas culturas não estão representadas, como por exemplo, os turcos na Alemanha, os asiáticos, no Canadá, os imigrantes que estão vivendo em outros países, ou os indígenas que visitam museus que remetem a cultura do colonizador, e não a cultura deles próprios. Nesse sentido, pode-se encontrar essa valorização de determinados povos e outros não, nos livros de história (Clark, 2018).

Segundo Clark (2018) o conceito de cidadania e a prática democrática são esquecidos, quando não são valorizados os estudos sociais e humanidades. Nota-se até aqui que o patrimônio cultural está ligado a questões de poder, em que é preservado e valorizado a história e a cultura daqueles que possuem o poder econômico, científico e político. E os livros de história, vão contar a história daqueles que estão no poder, poucas vozes são ouvidas, a grande maioria da população, é esquecida e silenciada.

Por isso é importante ter uma educação museal interdisciplinar que permita na formação de suas coleções diferentes olhares e principalmente que considere a possibilidade de, por meio das coleções, contar a história considerando a parcela marginalizada da sociedade.

As pesquisas que abordam a educação patrimonial estão cada vez mais abundantes, tornando-se um campo de estudo emergente nos últimos anos do século passado e consolidado nos dias atuais, de grande relevância para desenvolver propostas didáticas

interdisciplinares, que permite trabalhar problemas socialmente relevantes (Cuenca-López et al., 2018).

Os museus e o campo da educação museal como um todo estão tendo que se reinventar a partir desta nova perspectiva que se criou desde o início da pandemia em 2020 em que o acesso virtual se tornou a única forma de acesso. Os objetos museológicos precisam ser concebidos, entendidos e interpretados como "documentos" (Rodríguez, 2011).

### **A importância do uso de recursos tecnológicos nos museus**

As propostas de inovação educativa são mediadas pela tecnologia, para apresentar o patrimônio e gerar o desenvolvimento de atividades de educação patrimonial, inclusive através do uso dos celulares por meio da criação de aplicativos simples e acessíveis para maior interação da sociedade com o patrimônio. A realidade virtual, utilizada atualmente, por enquanto, é a mais acessível e barata, e permite que usuário faça uma informação digital sobre o mundo real e físico e submeta ao mundo virtual (Basogain et al., 2007).

O desenvolvimento de aplicativos para educação patrimonial, permite a inclusão, aproximação e geração de identidade educativa. Os projetos vinculados à educação patrimonial no mundo virtual, ainda são escassos, quando comparados às ações dos países anglo-saxões (Vicent, Rivero, Feliu, 2015).

Para Ibáñez-Etxeberria, Merillas, Gracia (2018), o uso de textos e multimídias, como imagens, áudios, vídeos, que são publicados em blogs, sites, mídias sociais, colaboram com a difusão e maior conhecimento a respeito de determinado patrimônio cultural.

No contexto pandêmico o uso dos recursos tecnológicos aplicados aos museus e espaços afins se amplificou. Com isso, o acesso a esses documentos (entendendo as coleções museais também como documentos) foi facilitado. Entretanto, nesse período os usuários e leitores desses espaços têm sido, de certa forma, bombardeados com uma enxurrada de conteúdo digital tamanha quantidade instituições que aderiram a essa modalidade para contornar a situação e dar acesso a seus conteúdos.

Isso também nos faz refletir acerca da qualidade do conteúdo gerado e disponibilizado é de como o receptor assimila, internaliza e interage com esses documentos. Se faz necessário planejar e desenvolver atividades de educação patrimonial que levem a uma reflexão mais profunda sobre os problemas individuais e coletivos na sociedade local e global, e questões de identidade, cidadania, tolerância, inclusão à diversidade sejam trabalhadas, utilizando os recursos tecnológicos de informação e comunicação. Ainda há pouca representatividade de conteúdo didático sobre as questões identitárias e pouco emprego de práticas interdisciplinares relacionando patrimônio e a sociedade, apesar da grande quantidade de recursos tecnológicos existentes (Ibáñez-Etxeberria, Merillas, Gracia, 2018).

## CONCLUSÕES

A partir das leituras foi possível observar um crescente interesse nos estudos envolvendo a temática dos museus e temas afins como patrimônio principalmente no que diz respeito à novas propostas ou propostas inovadoras que conferem aos museus um papel importante no processo de aprendizagem da sociedade como um todo e no uso de tecnologias nestes espaços para se aproximar, interagir, dialogar, motivar e sensibilizar o público de modo geral.

A literatura existente nesta temática é bastante vasta e demanda centenas de outras referências para que se tenha um panorama mais aprofundado dos estudos em questão. Os principais assuntos relacionados à ciência e museu a partir dos artigos selecionados foram práticas educativas, patrimônio cultural, identidade, memória, consciência histórica, recursos tecnológicos na educação museal e o próprio museu como espaço educativo.

É possível observar que cada vez mais a ideia de museu tradicional, elitizado e academicista tem ficado para trás e tem dado lugar a uma nova concepção de um museu social, crítico e inovador onde a educação patrimonial e museal em conjunto com as tecnologias, estão sendo usadas com o foco principal na sociedade e nas questões ambientais, interdisciplinares e não somente nas coleções em si. Sabe-se que há muito ainda para ser realizado, e são inúmeros os desafios na era do Antropoceno, para que a educação patrimonial e museal sejam realizadas em prol de refletir os fatos e erros passados para que não sejam cometidos novamente. O presente e o futuro dos povos tradicionais e de toda sociedade que lutou para ter seus direitos básicos reconhecidos ao longo da história, não pode permitir que os mesmos sejam retirados ou diminuídos. Assim, nessa era do Antropoceno, à educação museal e patrimonial necessita ser interdisciplinar, crítica, inclusiva, democrática, comunitária, e em conjunto com as tecnologias para que esse trabalho alcance o maior número de pessoas, que passem a valorizar a história, memória, patrimônio, cultura, identidade e conquista de toda uma sociedade.

## REFERÊNCIAS

ALCALDE, Gabriel, BOYA, Jusep e ROIGÉ, Xavier, 2010. *Museus D´Avui. Els nous Museus de Societat*. Girona: Institut Català de Recerca en Patrimoni Cultural.

BASOGAIN, Xabier, OLABE, Miguel Angel, ESPINOSA, Koldo, ROUËCHE, C. e OLABE, Juan Carlos, 2007. *Realidad Aumentada en la Educación: una tecnología emergente*. 2007. [Acesso em 02 novembro 2018]. Disponível em: <http://files.mediativos.webnode.es/200000016-a645ea73b3/realidad%20A..pdf>.

BRULON, Bruno, 2015. A invenção do Ecomuseu: o caso do Écomusée du Creusot Montceau-les mines e a prática da museologia experimental. *Mana*. 2015. vol. 21, no. 2, p. 267-295. [Acesso em 10 dezembro 2018]. DOI 10.1590/0104-93132015v21n2p267. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010493132015000200267&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010493132015000200267&lng=en&nrm=iso).

- CASANOVA, Pablo Gonzalez, 2006. Interdisciplina e complexidade. Em: As novas ciências e as humanidades: da academia à política. São Paulo, SP: Boitempo. p.11-64.
- CASTRO, Fernanda, SOARES, Ozias de Jesus e COSTA, Andréa Fernandes, 2020. Apresentação. Em: Educação Museal: conceitos, história e políticas. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional.
- CECILIA, Rafie Raffaella, 2021. COVID-19 Pandemic: Threat or Opportunity for Blind and Partially Sighted Museum Visitors?. *Journal of conservation and Museum Studies*. 2021. vol. 19, no. 1, p.5. [Acesso em 05 maio 2021]. Disponível em: <https://doi.org/10.5334/jcms.200>
- CHAGAS, Mario de Souza, 2020. Memória brava da educação museal ou prefácio. Em Educação Museal: conceitos, história e políticas. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional.
- CIFUENTES, María Antonia Moreno e SEDANO, Pilar, 2006. La investigación en los laboratorios de restauración de museos históricos. *Arbor*. 2006. no. 717, p.87-97. [Acesso em 10 janeiro 2019]. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.3989/arbor.2006.i717.12>.
- CLARK, Penney, 2018. History Education Debates: Canadian Identity, Historical Thinking and Historical Consciousness. *Arbor*. 2018. vol. 194, no. (788): a441. [Acesso em 10 janeiro 2019]. Disponível em: <https://doi.org/10.3989/arbor.2018.788n2001>.
- CRAPS, Stef, CROWNSHAW, Rick, WENZEL, Jennifer, KENNEDY, Rosanne, COLEBROOK, Clare, NARDIZZI, Vin, 2018. Memory studies and the Anthropocene: a roundtable. *Memory Studies*. vol. 11, no. 4, p. 498 –515, 2018. [Acesso em 15 janeiro 2019]. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/320311235\\_Memory\\_Studies\\_and\\_the\\_Anthropocene\\_A\\_Roundtable](https://www.researchgate.net/publication/320311235_Memory_Studies_and_the_Anthropocene_A_Roundtable)
- CUENCA-LÓPEZ, José Maria, PUCHE, Sebastián Molina e CÁCERES, Myriam J. Martin, 2018. Identidad, ciudadanía y patrimonio: análisis comparativo de su tratamiento didáctico en museos de Estados Unidos y España. *Arbor*. 2018. vol. 194, no. (788): a447. [Acesso em 10 janeiro 2019]. Disponível em: <https://doi.org/10.3989/arbor.2018.788n2007>.
- FERNÁNDEZ, Luis Alonso, 2003. Introducción a la nueva Museología. Madrid: Alianza Editorial.
- FONTAL, Olaia, 2003. La educación patrimonial: teoría y práctica en el aula, el museo e Internet. Gijón: Trea.
- GUERRA, Jorge Fernández, 2006. La innovación en el ámbito de la gestión cultural: un ejemplo concreto. *Arbor*. 2006. vol. CLXXXII, no. 717, p. 39-46. [Acesso em 10 janeiro 2019]. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.3989/arbor.2006.i717.6>.
- HALBWACHS, Maurice, 1925. Les cadres sociaux de la mémoire. Paris: Presses Universitaires de France.
- HARAWAY, Donna, 2016. Antropoceno, capitaloceno, plantationoceno, chthuluceno: fazendo parentes. *ClimaCom*. 2016. vol. 3, no. (5), p. 139-148, 2016.[Acesso em 10 janeiro



2019]. Disponível em: <http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/antropoceno-capitaloceno-plantationoceno-chthuluceno-fazendo-parentes/>

IBÁÑEZ-ETXEBERRIA, Alex, FONTAL MERILLAS, Olaia e RIVERO GRACIA, Pilar, 2018. Educación patrimonial y TIC en España: marco normativo, variables estructurantes y programas referentes. *Arbor*. 2018. vol. 194, no. (788): a448. [Acesso em 10 janeiro 2019]. Disponível em: <https://doi.org/10.3989/arbor.2018.788n2008.2018>

JANES, Robert, 2007. Museums, social responsibility and the future we desire. Em: *Museum revolutions: How museums change and are changed*. New York: Routledge, p. 134-146.

LÜDKE, Menga e ANDRÉ, Marli, 1986. Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária.

MATA, Rafael, 2008. El paisaje, patrimonio y recurso para el desarrollo territorial sostenible: conocimiento y acción pública. *Arbor*. 2008. vol. 184, no. 729, p. 155-172. [Acesso em 08 novembro 2018]. Disponível em: <http://arbor.revistas.csic.es/index.php/arbor/article/view/168/168>.

MONFORT, Neus Gonzalez, 2007. L'ús didàctic i el valor educatiu del patrimoni cultural. Tese (Doutorado em 2007). Barcelona: Universidad Autónoma de Barcelona. [Acesso em 03 dezembro 2018]. Disponível em: <https://www.tesisenred.net/bitstream/handle/10803/4673/ngm1de1.pdf?sequence=1&isAllowed=y> 2007.

NEVES, José Luis, 1996. Pesquisa qualitativa: características, usos e possibilidades. *Caderno de pesquisas em administração*. 1996. vol. 1, no. 3, p. 1-5. [Acesso em 05 novembro 2018]. Disponível em: [https://www.hugoribeiro.com.br/biblioteca-digital/NEVES-Pesquisa\\_Qualitativa.pdf](https://www.hugoribeiro.com.br/biblioteca-digital/NEVES-Pesquisa_Qualitativa.pdf)

ORTEGA RUIZ, Pedro e MÍNGUEZ VALLEJOS, Ramon, 1997. El reto de la educación intercultural. *Teoría de la Educación*. 1997. vol. 9, p. 41-53. [Acesso em 06 novembro 2018]. Disponível em: <http://revistas.usal.es/index.php/1130-3743/article/view/3126/3154>.

PALACIOS, Marcos, 2019. Cultura e Memória: fases e escalas dos estudos de memória e o desafio do antropoceno. *Observatório*. 2019. vol. 5, no. 4, p. 749-770. [Acesso em 20 agosto 2019]. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2017v5n4p749>.

RODRIGUES, Meghie, 2017. O Antropoceno em disputa. *Ciência Cultural*. 2017. vol. 69, no. 1, p. 19-22. [Acesso em 13 outubro 2018]. Disponível em: [http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0009-67252017000100010&lng=en&nrm=iso](http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252017000100010&lng=en&nrm=iso)

VELHO, Léa, 2011. Conceitos de Ciência e a Política Científica, Tecnológica e de Inovação. *Sociologias*. 2011. vol. 13, no. 26, p. 128-153. [Acesso em 11 novembro 2018]. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1517-45222011000100006>

MUSEU DO AMANHÃ. Para interagir, sentir e pensar. Em: Exposições [em linha]. Museu do Amanhã, 2018 [consult. 2018-12-05]. Disponível em: <https://museudoamanha.org.br/pt-br/exposicoes>.

MUSEU DA FAVELA. Sobre o Museu da Favela. Em: sobre [em linha]. Museu da Favela, 2021 [consult. 2021-05-15]. Disponível em: <https://www.museudefavela.org/sobre-o-muf/>.

MUSEU MEMORIAL PRETOS NOVOS. Sobre o Museu Memorial Pretos Novos. Em: sobre [em linha]. Museu Memorial Pretos Novos, 2021 [consult. 2021-05-05]. Disponível em: <https://pretosnovos.com.br/museu-memorial/>.

MITRE, Maya, 2016. As relações entre ciência e política, especialização e democracia: a trajetória de um debate em aberto. Estudos Avançados. 2016. vol. 30, no. 87, p. 279-298. [Acesso em maio 2018]. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40142016000200279](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142016000200279).

POLLAK, Michael, 1992. Memória e identidade social. Estudos Históricos. 1992. vol. 5, no. 10, p. 200-212. [Acesso em 06 novembro 2018]. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1941/1080>.

RODRÍGUEZ, Miguel Somoza, 2011. Musealización del patrimonio educativo de los institutos históricos de Madrid: propuestas para un museo virtual. Arbor. 2011. vol. 187, no. 749, p.573-582. [Acesso em 03 maio 2018]. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.3989/arbor.2011.749n3010>.

SANTACANA MESTRE, Joan e MARTÍNEZ GIL, Tania, 2018. El patrimonio cultural y el sistema emocional: un estado de la cuestión desde la didáctica. Arbor. 2018. vol. 194, no. (788): a446. [Acesso em 02 fevereiro 2019]. Disponível em: <https://doi.org/10.3989/arbor.2018.788n2006>.

SANTOS, Luiz Fernando Amaral dos, 2006. Metodologia da Pesquisa Científica II. Faculdade Metodista de Itapeva.[Acesso em 15 dezembro 2018]. Disponível em: <https://www.monografias.com/pt/docs/Metodologia-de-pesquisa-P3AWX6D78LCP>

SCHIELE, Bernard, 2010. Els museus de societat i les sevs identitats en l'era de la globalització. Em: Museus de Avui.Els Nous Musues e Societat. Barcelona.

SOARES, Bruno César Brulon e SCHEINER, Tereza Cristina Moletta, 2009. A ascensão dos museus comunitários e os patrimônios 'comuns': um ensaio sobre a casa. Em: Encontro Nacional de pesquisa em ciência da informação [em linha]. João Pessoa, PB: Anais; UFPB. 2009. [Acesso em 05 dezembro 2018]. Disponível em: <http://hdl.handle.net/123456789/696>

STEHR, Nico e CANÊDO, Joana, 2008. Liberdade é filha do conhecimento?. Tempo Social. 2008. vol. 20, no. 2, p. 221-234. [Acesso em 04 maio 2018]. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010320702008000200011&lng=en&lng=en&refineString=null&timeSpan=null&SID=2BUMX81zP8xPg6CXza3](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010320702008000200011&lng=en&lng=en&refineString=null&timeSpan=null&SID=2BUMX81zP8xPg6CXza3).

STERLING, German Adolfo Ocampo, 2011. Representações museográficas na fronteira: museo de la Tierra Guarani (Hernandarias/Paraguai) e Ecomuseu (Foz de Iguaçu/Brasil). Dissertação (Mestrado em História). Paraná, PR: Universidade Estadual do Oeste do Paraná. [Acesso em 03 dezembro 2018]. Disponível em: <http://tede.unioeste.br:8080/tede/handle/tede/1776>.

TSING, Anna, 2015. Feral Biologies. Em: Paper for Anthropological Visions of Sustainable Futures. London: University College London.

VICENT, Nayara, RIVERO, Pilar e FELIU, Maria, 2015. Arqueología y tecnologías digitales en Educación Patrimonial, Educativo. Siglo XXI. 2015. vol. 33, no. 1, p. 83-102. [Acesso em 01 dezembro 2018]. Disponível em: <https://doi.org/10.6018/j/222511>.

VILLALPANDO, María Eugenia Rabadán, 2017. La estructura de las revoluciones científicas según Thomas Kuhn en el análisis de la historia del arte. Arbor. 2017. vol. 193, no. 783, p.1-13. [Acesso em 12 dezembro 2018]. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.3989/arbor.2017.783n1003>.